



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



UM OLHAR A PARTIR DE VOZES HISTORICAMENTE SILENCIADAS¹

Graciete da Silva de Souza²

Graduanda em Letras, Libras, Língua Estrangeira na UFRB

E-mail: graciete@live.com

Resumo

Em tempos de identidades líquidas e de sujeitos descentrados torna-se necessário refletir, sobre novos aspectos, os elementos constitutivos de nossa tradição cultural. Assim, a literatura, objeto cultural capaz de reforçar estereótipos e formular protótipos vê-se palmilhada por olhares que prospectam vozes até então negligenciadas pela crítica literária. Esses olhares e essas vozes, até bem pouco tempo silenciados, tateiam um espaço no cenário contemporâneo em que os atores de diversos segmentos da nossa sociedade reivindicam a reparação pelos danos causados, dentre outras formas de exclusão, pelo racismo, pelo sexismo, pelo patriarcalismo e pela pobreza extrema. Ressalte-se, ainda, que a soma de tais fatores apresenta-se como um desafio mais amplo, pois a pessoa humana é convocada a resistir e atuar em diversas frentes. É nesse contexto de resistência que encontramos a obra poética de Conceição Evaristo, pois, em sua produção literária, são dessilenciadas vozes de mulheres negras e pobres. Isto posto, pretende-se neste artigo dialogar com os versos do poema *vozes – mulheres*, verificando a construção da identidade negra, mais precisamente a identidade da mulher negra. Com isso, não pretendemos reduzir o papel da literatura à representação da realidade, entretanto, não se pode desconsiderar o seu papel na construção das identidades sociais.

Palavras-chave: Ancestralidade. Identidade. Literatura afro-feminina.

Introdução

O Brasil vive em meio a uma guerra de identidade³, não à toa as pessoas que fazem parte dos diferentes grupos sociais vivenciam e constroem protestos em prol do respeito e do direito à igualdade perante o todo social. O presente estudo tem como objetivo analisar, através dos

¹ Artigo elaborado sob orientação do Prof. Me. Tarcísio Fernandes Cordeiro e co-orientação da Profª. Dra. Dyane Brito Reis.

² Bolsista do Programa de Educação Tutorial, Projeto PET Afirmção.

³ O termo “guerra de identidade” é utilizado no sentido de que existem diversas manifestações identitárias no Brasil e cada vez mais as pessoas sentem dúvidas do que realmente são ou querem ser, se identificando, na maioria das vezes, com identidades em vez de uma única identidade.

versos do poema *Vozes – Mulheres*, de Conceição Evaristo, o dessilenciamento de vozes historicamente silenciadas e invisibilizadas, em especial, da mulher negra no processo da diáspora do povo advindo de África e como as mesmas são vistas atualmente na sociedade brasileira. Outra relevância será dada à questão da construção da identidade e da ancestralidade ao longo do poema. Para tanto, é necessário partir não apenas da análise dos versos, mas também da leitura da construção étnica e racial de nossa sociedade. Enfim, é pensando em algumas inquietações relativas à vivência dos negros em nosso país que este trabalho justifica-se. Dentre elas, a de que, no Brasil, vive-se numa democracia, inclusive racial.

Far-se-á, para tanto, uma breve revisitação histórica a fim de contextualizar o processo da diáspora negra no cenário brasileiro, observando os desdobramentos em nossa sociedade, com atenção para a presença do negro na literatura brasileira, a forma como é descrito nas obras literárias e a ausência, por um longo período, do protagonismo da mulher negra na literatura. Observar-se-á também as noções de *ancestralidade* presentes na produção ficcional de Conceição Evaristo. A presente pesquisa se caracteriza por um estudo bibliográfico, construído a partir da análise do poema *Vozes – Mulheres*, ressaltando que, para além da beleza estética da construção ficcional, a produção literária de Evaristo formula um discurso de resistência coletiva capaz de rememorar identidades negras e femininas. Registre-se ainda, que a presente pesquisa, assim como o texto analisado, possui, sim, motivações biográficas.

As seções do texto estarão distribuídas de forma que possam nos possibilitar uma certa linearidade, em um primeiro momento haverá uma breve apresentação em relação a situação da pessoa negra no Brasil. Posteriormente observaremos o silenciamento literário de algumas minorias identitárias, em especial da mulher negra na literatura até então chamada afro-feminina. Uma terceira seção será a análise dos versos do poema de Conceição Evaristo a partir do viés da ancestralidade. Para finalizar abrimos uma seção para as considerações finais e outra para elencar as referências utilizadas ao longo do texto.

Por fim, do ponto de vista teórico, nos auxiliam nessa empreitada os estudos de Terry Eagleton (2003), Jonathan Culler (1999) e Tomaz Tadeu da Silva (2009) que apresentam pressupostos dos Estudos Culturais na abordagem do texto literário. Em relação à ancestralidade faremos uso das proposições de Eduardo David Oliveira (2007) que problematiza o conceito a partir da relativização do tempo e do espaço que é própria da memória e se faz presente nas estampas identitárias. Sobre a literatura de autoria feminina, nos foi muito útil as considerações de Ana Rita Santiago da Silva (2010) que amplia o debate

na perspectiva étnico-racial. Já, as problematizações relacionadas à identidade são pensadas a partir das formulações de Stuart Hall (2004) e Zygmunt Bauman (2005).

(Re)visitação histórica: contexto situacional da pessoa negra no Brasil

A história da pessoa negra no Brasil, e em vários outros lugares do mundo, tem sido narrada, inclusive sob o ponto de vista da tradição literária, com um viés negativo, em que o drama do passado da escravidão é utilizado, em muitas oportunidades, para amplificar o preconceito dos dias atuais. De fato, no Brasil, não dá para falar de escravidão sem citar o evento da “ocupação” territorial realizada pelos portugueses. A diáspora do povo negro está diretamente relacionada com a construção da nacionalidade brasileira, pois, dentre outros povos, os lusitanos carregavam nos porões dos seus navios, sob condição de subsistência mínima ou nula, milhares de negros e negras.

A colonização do Brasil impõe-se sob um severo regime de escravidão racial que perdurou por quase quatro séculos em nosso país. Nunca é demais lembrar, que o Brasil foi a última Nação a abolir o ato de escravizar os negros africanos. No dia seguinte à abolição, especificamente 14 de maio de 1888, tínhamos um cenário completamente desfavorável aos recém libertos; crianças, idosos, jovens, homens e mulheres estavam na rua sem ter para onde ir, sem saber o que fazer da vida, não houve qualquer política que assegurasse se quer a subsistência do povo negro. O que resultou num aglomerado de pessoas que ficaram, ou ainda ficam, à margem da sociedade.

A luta contra a escravidão por parte dos escravizados se deu de diversas formas, eles fugiam para quilombos, resistiam à imposição cultural e linguística, entre outros elementos. No entanto, luta possivelmente maior, deu-se após a abolição, os ex-escravos não tiveram inserção imediata no mercado de trabalho, muito menos na sociedade nos âmbitos cultural e religioso. As formas de preconceito racial aconteciam explicitamente. Ainda na contemporaneidade, apesar das leis oficiais contra o preconceito e a discriminação racial, os negros lutam por direitos iguais nas diferentes instâncias sociais e contra o racismo⁴, que por sua vez, tornou-se algo meticuloso, quase imperceptível a norma legal, mais ainda terrivelmente cruel e perceptível ao povo negro. Ou seja, o que mudou foi a maneira como o racismo se manifesta, passando de um caráter explícito para uma configuração implícita a

⁴ Há quem diga que o Brasil é um país onde vive-se numa democracia racial. Pelo contrário, entende-se aqui que o racismo encontra-se cada vez mais forte, porém com formas de manifestação diferentes, mascaradas e/ou invisíveis.

situações e contextos mais refinados de exclusão étnico-racial. Dentre tais estratégias de segregação, destaquemos o silenciamento das vozes negras em nossa tradição literária.

O silenciamento literário das vozes femininas negras

A literatura ocupou por muito tempo no cenário social um espaço erudito. As minorias sociais – negros, índios, homossexuais, mulheres – faziam parte de uma categoria que ficava marginalizada a um segundo plano ou, em muitas oportunidades, sem nenhuma valorização estética de sua produção cultural.

A cultura privilegiada em nosso passado, e infelizmente talvez ainda hoje, era a cultura de uma elite branca com grande poder econômico, que impôs seus valores culturais, tornando-se hegemônica. Para tanto, lançou-se mão de diversas estratégias persuasivas, desde a propaganda, na qual as ideologias são “injetadas” na nossa mente de tal modo que, como nos diz Culler (1999, p. 51), “ao se dirigirem a você repetidas vezes dessa maneira, fazem com que você passe a ocupar essa posição”. Até nos espaços institucionais, como nas escolas brasileiras, por exemplo, em que os currículos são pensados a partir das classes dominantes em que predominam, nesse caso, a disseminação da ideia de que há uma cultura superior à outra, que deve funcionar como um protótipo a ser fielmente seguido, quando na verdade o que existe são “culturas” Veiga-Neto (2003, p. 06).

Na literatura a visibilidade de uma determinada cultura e não de outra se dá, possivelmente, de forma ideológica, bem como o status de literário dado a um determinado segmento de texto pode ser feito de forma imposta, segundo Eagleton (2003, p. 12) “alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literário e outros tal condição é imposta”. Pode-se questionar, por exemplo, as formações do cânone literário, são feitas a partir de quais critérios e por quem? Há a alta e a baixa literatura? Se a Literatura “é como a expressão da arte”, segundo Ana Rita Santiago da Silva (2010, p. 20), logo não deveria haver distinção entre as diversas criatividades. O que nos leva a questionar/problematizar a canonização de determinados escritores e não de outros.

Apenas como ilustração dessa problemática, só por volta do século XVIII aparecem as primeiras mulheres escritoras europeias, até então invisibilizadas ou negadas “por um cânone quase exclusivamente masculino e predominantemente de primeiro mundo, europeu e de classe dominante” (SILVA, A. 2010, p. 20). Nesse contexto conflituoso, consolida-se a literatura feminina ou de autoria feminina, cuja terminologia ainda é palco de muitas discussões, sua intenção não é opor-se à literatura predominantemente masculina, mas,

segundo a pesquisadora, intenta-se marcar uma posição “pelas suas temáticas e representações de personagens femininas, tensionadas e nutridas pelo desejo de autonomias políticas e culturais e pelos anseios por conquista de espaço público” (idem, *ibidem*).

Infelizmente, o público de escritoras femininas não é grande, muito menor é o público de escritoras femininas negras. Segundo Silva (2010, p.23-24) isso acontece em consequência à restrição ou mesmo destruição do “eu autoral” dessas mulheres que “se associam a outros mecanismos de exclusão e racismo, constituindo-se como ecos relevantes de tramas que envolvem as relações etnoraciais e de gênero no Brasil”. A resistência a esse anonimato, graças à palavra libertadora de suas poesias, asseguram às escritoras negras um caráter emancipatório e de estratégia política.

Graças à resistência cultural, em especial de segmentos populares marginalizados socialmente, tem-se alcançado a “recuperação de vozes perdidas” como nos fala Culler (1999, p. 50). *Vozes – Mulheres* é um belo exemplo de vozes dessilenciadas, que são rememoradas por Conceição Evaristo de maneira encantadora.

Dialogando com a ancestralidade

A década de 1980 fora marcada pela efervescência das lutas em prol da igualdade racial no país, é dentro desse contexto que Conceição Evaristo, mineira, romancista, contista, poeta e professora universitária teve alguns de seus poemas, entre eles *Vozes-Mulheres*, publicados no número treze da série Cadernos Negros, em 1990, as questões étnico-raciais são temas centrais de suas obras:

A voz de minha bisavó
Ecoou criança
Nos porões do navio.
Ecoou lamentos
De uma infância perdida.

A voz de minha avó
Ecoou obediência
Aos brancos donos de tudo.

A voz de minha mãe
Ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
Debaixo das trouxas
Roupagens sujas dos brancos
Pelo caminho empoeirado
Rumo à favela.

A minha voz ainda

Ecoa versos perplexos
Com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
Recolhe todas as nossas vozes
Recolhe em si
As vozes mudas caladas
Engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
Recolhe em si a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
Se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

Passado, presente e futuro são marcas que podem ser vividas simultaneamente no poema. A voz do eu lírico, “A minha voz ainda/ Ecoa versos perplexos/ Com rimas de sangue/ e fome”, é possivelmente, a voz da angústia vivida socialmente por afro-brasileiros, angústia pelo sangue inocente derramado, pelo sofrimento que a fome causara. Essa voz reúne em si as vozes de seus ancestrais, a bisavó, a avó e a mãe, logo, vive os desdobramentos dessa experiência étnico-racial, pondo-lhe toda a esperança de uma vida digna em uma voz futura, na voz de sua filha, a qual “Se fará ouvir a ressonância/ O eco da vida-liberdade”.

É também na “Minha voz” que se percebe a construção de uma identidade, a identidade da mulher negra, que dialoga com a sua ancestralidade, a qual está diretamente ligada ao tempo sócio-histórico. A voz presente, “A minha voz”, se coloca em um espaço, cuja conquista se deu por meio da luta de milhares de mulheres negras. É uma voz que não está satisfeita com a posição em que se encontra e vislumbra um lugar na sociedade que não seja mais de exclusão, e assim o faz, pondo essa esperança na personificação de uma possível filha, pois a onisciência de sua voz percebe que as mudanças sociais não ocorrem de forma rápida, mas através da luta.

A primeira estrofe do poema dá-nos a possibilidade de visualizar o período e a dor da diáspora negra, em que extensos contingentes de homens e mulheres negras foram deslocados forçosamente de suas origens identitárias: a terra, a língua, a religião, enfim, a cultura, em condições sub-humanas, para lugares desconhecidos. Os lamentos da voz “da minha bisavó” representam o grito de sofrimento e inconformidade com o momento vivido. É a voz de uma criança que lhe é tirada da presença de seus pais, que lhe é roubada a sua proteção. É, ao mesmo tempo, uma voz ingênua e inocente, que não poderia saber o que lhe aguardava no futuro de além mar.

A segunda estrofe pode ser entendida como reflexo de um momento da escravidão vivida no Brasil que durou longos quatro séculos. Aqui foram duramente escravizados em termos físicos, espirituais e psicológicos. “A voz da minha avó” simboliza a obediência aos socialmente favorecidos, aos brancos que a tudo e a todos dominavam. Entretanto, essa obediência não pode ser entendida como passividade, mas sim como resistência, afinal, era preciso sobreviver para que uma nova geração pudesse dar continuidade à luta.

Na voz da minha mãe, percebe-se que o centro da escravidão toma outra dimensão, ela já havia sido “abolida”, contudo assumiu outras características de ser e existir, presentes na estrutura da sociedade brasileira até a contemporaneidade. A precariedade das senzalas dão lugar a novos espaços de exclusão e segregação, pensemos, por exemplo, nas favelas, as quais ocupam parte considerável do território do país. Nesses espaços, seus moradores vivem em condições mínimas de saneamento básico e ainda são marginalizados e discriminados por grande parte da sociedade. É também na voz de minha mãe que o sentimento de revolta e inconformidade se configura, há marcas de cansaço de uma vida cheias de estereótipos, em que a mulher negra é pensada, única e exclusivamente, para tarefas domésticas.

A voz da minha filha é a voz de uma possível liberdade para a coletividade feminina negra, cuja trajetória é rememorada, pois a emancipação da filha se dá pela luta de suas ancestrais, uma vez que, a ancestralidade segundo Eduardo Oliveira (2007, p. 257) “inclui tudo que passou e acontece” e não pode ser pensada isoladamente, pois na ancestralidade está intrínseco o “princípio da coletividade” (idem, *ibidem*). Logo “A voz de minha filha” é resultado da união das demais vozes, tudo que foi negado ou silenciado nas vozes ancestrais poderá ser materializado nesta voz, uma vez que “ela recolhe em si a fala e o ato”.

Ao longo dos belíssimos versos do poema “O mundo pessoal e o mundo público” segundo Hall (2004), torna-se unificados na voz do eu lírico com um propósito de visibilizar seu lugar social e cultural. Nota-se ainda que os sentimentos e pensamentos pessoais do eu lírico são envolvidos por sua *subjetividade* (SILVA, T. 2009), o modo como perpassa pela ancestralidade permite-lhe construir sua identidade, configurando-a numa dimensão que não é mais a individual. Ao trazer à memória as lembranças de suas ancestrais, o eu lírico consciente ou inconsciente o faz de forma coletiva.

Algumas considerações

O trabalho aqui apresentado permite-nos delinear um pouco do que foi a trajetória da mulher negra no Brasil, como se vê, a questão de gênero e raça estão imbricadas, separá-las é uma tarefa difícil.

O advento da diáspora negra contribui negativamente para a condição de vida de suas vítimas, vivido por séculos de sofrimento e dor. Os povos advindos de países africanos tiveram que negar suas raízes, língua, terra, religião e cultura para garantir a própria vida em uma sociedade recém ocupada e extremamente exploradora e capitalista. Embora a escravidão tenha chegado ao fim, contemporaneamente o Brasil ainda faz-se de cenário às múltiplas manifestações de racismo contra afrodescendentes.

Assume-se neste texto a ideia de que a literatura é um instrumento de poder e nela é injetada os anseios políticos da elite dominante. Foi pensada durante muito tempo como uma forma erudita ligada às relações de saber e poder, as quais negligenciavam as minorias identitárias – negros, índios, homossexuais, mulheres – pondo-as em um plano de invisibilidade. Graças à resistência desses segmentos populares socialmente marginalizados começa-se assegurar às afro-femininas a emancipação literária como forma de estratégias políticas.

A análise feita aqui não teve a intenção de invisibilizar o caráter literário da obra ou reduzi-la à representação da realidade. A escolha pela forma do trabalho se deu, inclusive, pela afinidade e admiração pessoal e acadêmica pela obra e autora. Foi, no entanto, uma maneira deliciosa encontrada de trabalhar a temática em questão.

Ao fazer uma busca de biografias ligadas à sua memória e ao dessilenciar vozes historicamente negadas, Conceição Evaristo nos faz recriar seu poema nos colocando também em uma posição de autoria. Não é só uma questão pessoal que está no poema, em seus versos está a implicatura de uma vida histórica, social, cultural e, sobretudo coletiva.

Referências

- CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: BECA, 1999.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- OLIVEIRA, Eduardo David. *Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Gráfica Popular, 2007.
- SILVA, Ana Rita Santiago da. Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações. In: *Fólio: revista de letras*. Vitória da Conquista: UESB, v.2, n.1, p.20-37, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Cultura, culturas e educação*. Ver. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 23, Aug. 2003.